

China e África: Será que a lua-de-mel vai continuar?

[Wenjie Chen](#) e [Roger Nord](#)

21 de dezembro de 2015

A promessa recente de apoio financeiro no valor de USD 60 mil milhões ao longo dos próximos três anos divulgada pelo Presidente da China, Xi Jinping, ilustra a profundidade da parceria entre a China e África.

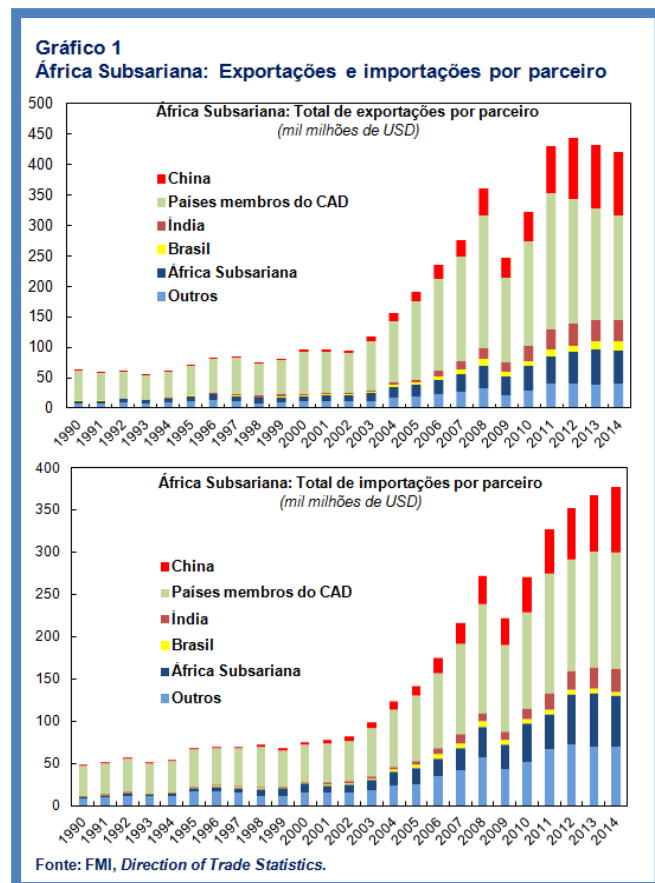
No entanto, a transição na China de uma estratégia de crescimento com elevado teor de investimentos e orientada para as exportações, para um modelo económico mais assente no consumo interno, conduziu a uma queda drástica dos preços das matérias-primas. Os preços mais baixos das matérias-primas e os menores volumes de trocas comerciais tiveram forte impacto sobre os exportadores de matérias-primas da África Subsariana. Contudo, no médio prazo, esta mudança pode oferecer aos países da África Subsariana a oportunidade de diversificar as suas economias, reduzindo a ênfase nos recursos naturais, e de criar empregos para as suas populações jovens, desde que sigam as políticas certas para fomentar a competitividade e se integrem nas cadeias de valor mundiais.

Novos parceiros comerciais da África Subsariana

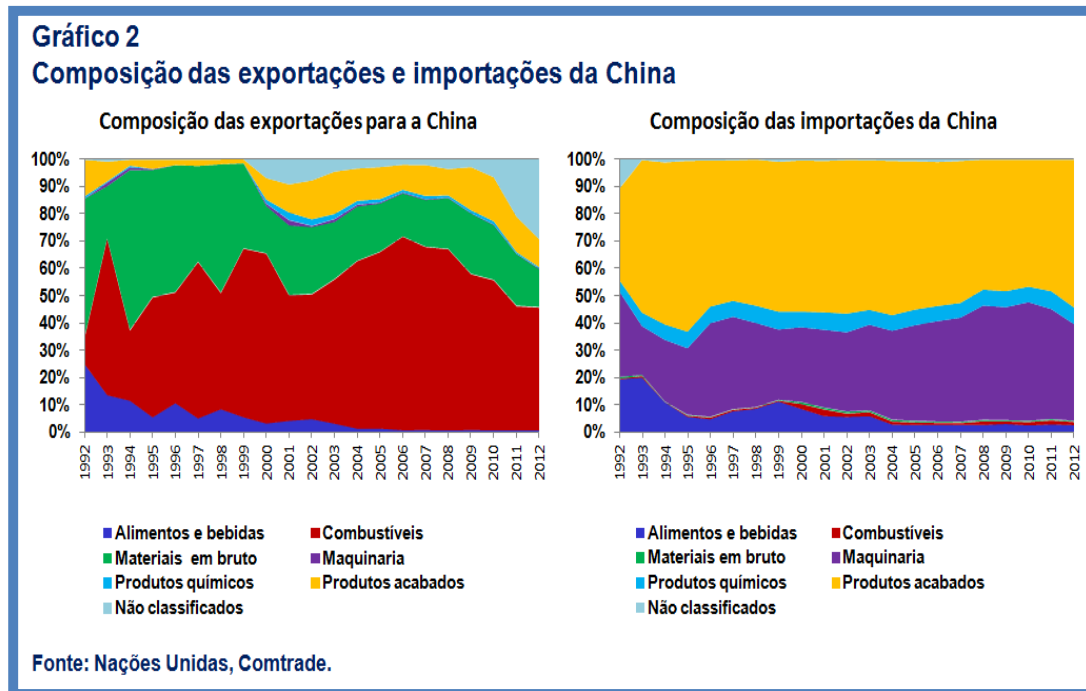
Nos últimos vinte anos e, em especial, na última década, verificou-se uma alteração considerável nos parceiros comerciais.

O distanciamento em relação às economias avançadas, que representavam quase 90% das exportações em 1995, e a aproximação com novos parceiros ocorreu de forma relativamente rápida.

Em 2014, mais de 50% das exportações da África Subsariana tinham como destino países como Brasil, China e Índia, com a China a responder por cerca da metade desse total (Gráfico 1).



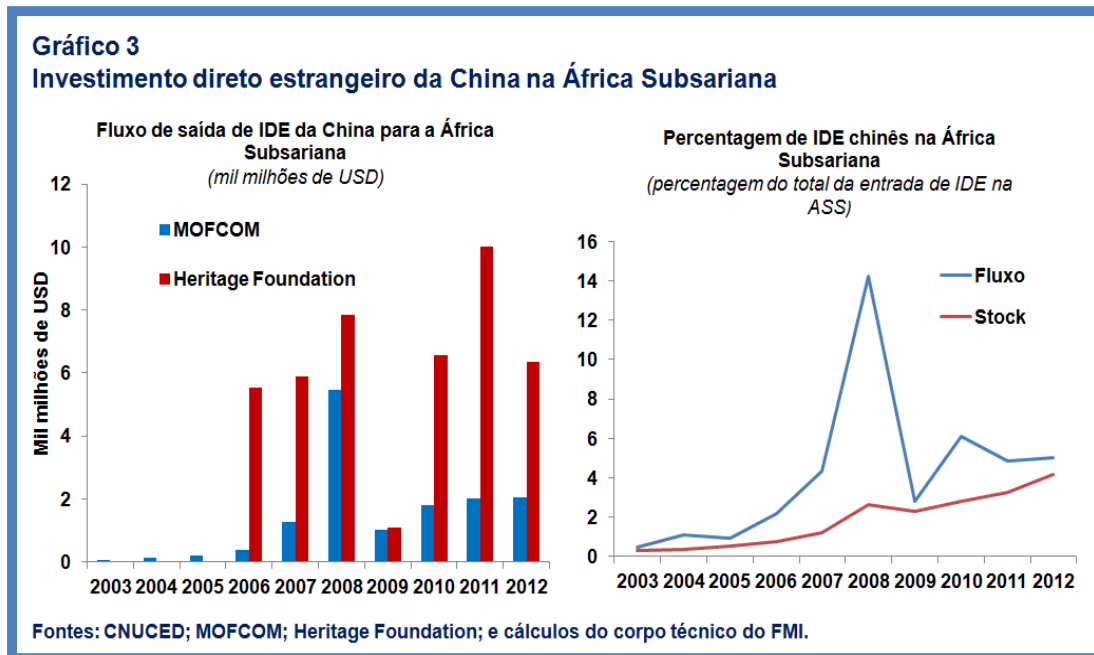
Setenta por cento das exportações da África Subariana para a China referem-se a combustíveis, metais e produtos minerais. Por outro lado, a maioria das importações da África Subariana originárias da China é constituída por produtos acabados, seguidos por maquinaria (Gráfico 2).



Qual tem sido o impacto económico do crescente envolvimento da África Subariana com a China? O acesso a novos mercados para as suas matérias-primas tem estimulado as exportações de África, que quintuplicaram em valor real ao longo dos últimos vinte anos. Mas talvez ainda mais importante, o envolvimento comercial da África Subariana com a China e outros novos parceiros comerciais tem reduzido a volatilidade das suas exportações. Isto ajudou a fazer face ao impacto da crise económica mundial em 2008 e 2009, quando as economias avançadas viveram uma profunda desaceleração económica, reduzindo assim a sua procura de importações. Em simultâneo, a China aumentou efetivamente a sua contribuição para o crescimento das exportações da África Subariana, o que ajudou a amortecer o impacto para o crescimento da região durante a Grande Recessão. Do lado das importações, o acesso a bens de consumo chineses baratos, desde vestuário a ciclomoteres, impulsionou os padrões de vida africanos e contribuiu para uma inflação baixa e estável.

Novas fontes de financiamento

Está a verificar-se uma reorientação similar nas fontes de capital da África Subariana, embora num grau muito menor. O investimento direto estrangeiro (IDE) realizado pela China na África Subariana aumentou significativamente desde 2006, mas ainda é pequeno em termos de quota do IDE total na África Subariana, representando menos de 5% em 2012 (Gráfico 3).



Contudo, o papel da China como fonte de financiamento de empréstimos a projetos de infraestruturas tem crescido em importância para a África Subariana na última década. Os empréstimos chineses à África Subariana como quota da dívida total aumentaram consideravelmente, de menos de 2% antes de 2005 para cerca de 15% em 2012. Além disso, de acordo com a Heritage Foundation, a África Subariana representava cerca de um quarto de todos os contratos de engenharia chineses em todo o mundo em 2013 em termos de volume acumulado. A maioria destes contratos refere-se ao setor energético (energia hidroelétrica) e de transportes (estradas, automóveis, portos, aviação).

Coincidentemente à concretização de um alívio da dívida significativo, a África Subariana tem sido, cada vez mais, capaz de tirar partido destas novas fontes de financiamento. Em particular, o financiamento de projetos de infraestruturas, para os quais existe pouco financiamento concessional, ajudou os países africanos a expandir o desenvolvimento industrial e a transformar a estrutura das suas economias. Além disso, os empreendedores chineses privados estão a investir cada vez mais em serviços e na produção na África Subariana, gerando novas fontes de oportunidades para o continente.

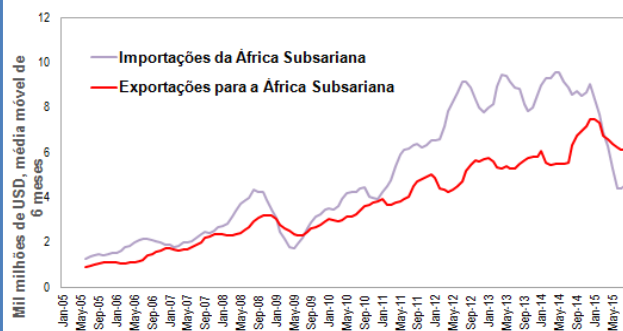
As mudanças económicas na China significam que África deve aproveitar o momento

O modelo de crescimento da China, com elevado teor de investimentos e orientado para as exportações, tem beneficiado África e criado uma base para a continuação do desenvolvimento. Em 2010, representou cerca de 20% do consumo mundial de recursos de energia não renováveis (petróleo, gás, carvão), 23% das principais culturas agrícolas (milho, algodão, arroz, soja, trigo) e 40% dos metais de base (cobre, alumínio).

À medida que a China reequilibra o seu modelo de crescimento, com maior ênfase no consumo interno, o impacto de curto prazo para os exportadores de matérias-primas de África tem sido forte. O declínio abrupto e recente nas importações da China é particularmente preocupante para a África Subsaariana, uma vez que conduziu a quedas no volume e nos preços das suas exportações (Gráfico 4). Em consequência, o crescimento na África Subsaariana em 2015 enfraqueceu acentuadamente face a anos anteriores, embora existam grandes diferenças entre países.

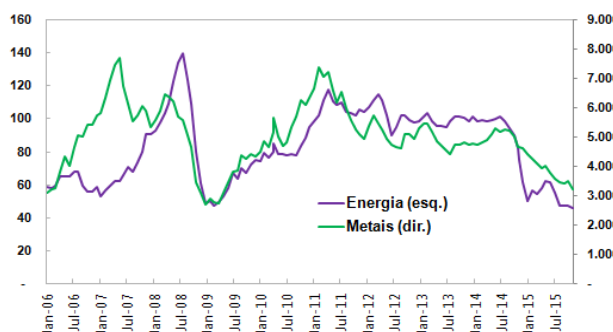
Assistimos ainda a um declínio no lado do investimento. O número de projetos de IDE registados no Ministério do Comércio da China caiu de 311 em 2014 para 260 em 2015. Em maio de 2015, o Ministério estimou uma descida de 45,9% dos fluxos de IDE da China em África no primeiro trimestre de 2015 face ao mesmo período no ano anterior. A promessa da China de assegurar um financiamento adicional de USD 60 mil milhões para o desenvolvimento de África nos próximos três anos é, naturalmente, bem-vinda. Mas é ainda incerto se as oportunidades comerciais desse financiamento, nomeadamente nos setores de recursos naturais, virão a acontecer em breve.

Gráfico 4
Comércio da China com a África Subsaariana e preços das matérias-primas



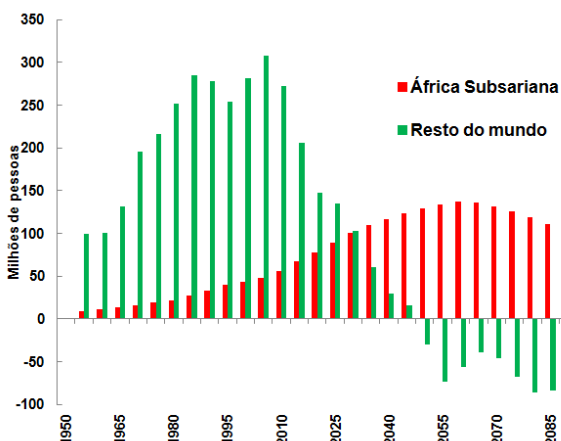
Fonte: FMI, *Direction of Trade Statistics*.

Preços das matérias-primas



Fonte: FMI, *World Economic Outlook*.

Gráfico 5
Variação da população em idade ativa
(15-64 anos de idade)



Fonte: Nações Unidas, *World Population Prospects, The 2012 Revision*.

Apesar destes desafios no curto prazo, as oportunidades de médio prazo para a África Subsaariana e o seu envolvimento com a China permanecem sólidas. A mudança do modelo de crescimento chinês abre espaços, criando oportunidades para os países em desenvolvimento em África e no resto do mundo. O Vietname e o Bangladesh entraram já nas cadeias de valor mundiais de vestuário e têxteis, à medida que a China se desloca para outras cadeias de maior valor acrescentado.

Em particular, a transição demográfica da África Subsariana significará que, em 2035, o número de pessoas da África Subsariana em idade ativa (15-64) ultrapassará o do resto do mundo combinado (Gráfico 5) assegurando, assim, uma potencial fonte de vantagem comparativa em termos de abundância de mão-de-obra. Se a África Subsariana conseguir fomentar a transformação estrutural e aumentar a sua integração nas cadeias de valor mundiais nas próximas décadas, isto representará uma oportunidade histórica para fomentar o crescimento e a redução da pobreza na região. Competirá aos decisores políticos do continente aproveitarem, e não desperdiçarem, esta oportunidade.



Wenjie Chen é economista no Departamento de África do FMI, onde contribui para o relatório sobre as Perspetivas Económicas Regionais. Antes de assumir funções no FMI, trabalhou como Professora-Assistente na Universidade George Washington, onde lecionou Finanças Internacionais e Macroeconomia. A sua área de investigação é o investimento direto estrangeiro, relações China-África, cadeias de valor mundiais e métodos econométricos aplicados. Doutorou-se em economia pela Universidade do Michigan.



Roger Nord é Diretor-Adjunto do Departamento de África do FMI, onde liderou missões nos Camarões, Gabão, Tanzânia e Uganda. Anteriormente, ocupou o cargo de chefe da divisão de política de supervisão, no que é hoje o Departamento de Estratégia, Política e Análise, e de assessor do antigo Diretor-Geral, Horst Köhler. De 1998 a 2002, foi representante regional do FMI na Europa Central, com base em Budapeste.